



Meia Ambiente e Sustentabilidades – Práticas de Leituras e Escritas na CAP-UERJ*

Introdução

As diferentes sociedades têm como marca comum as mais variadas formas de linguagem e expressão. Mas a linguagem oral e a escrita são meios historicamente privilegiados que usamos para nos comunicarmos e constituem uma diferenciação importante em relação aos outros seres vivos. Apesar das grandes diferenças socioculturais em sua utilização, os indivíduos se apropriam delas para interagir com o mundo e seus semelhantes.

Mais recentemente a leitura de imagens vem se enveredando por entre os espaços/tempos da sala de aula e se consolidando como outra perspectiva a ser considerada quando nos (pre)ocupamos dos processos de alfabetização e letramento. Assim, para além de alfabetizarmos para a leitura de textos escritos, independente de qual seja o gênero literário, alfabetizamos, também, o olhar e, a partir de então, torna-se possível ser realizada a leitura de imagens e de tudo mais que a sociedade nos proporciona e que, por sua vez, corrobora para que as histórias – individuais e coletivas; de contextos mais restritos ou ampliadas aos contextos de diferentes sociedades em períodos datados – possam ser lidas.

Na concepção pedagógica do trabalho desenvolvido no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAP-Uerj) consideramos que é possível aprender a ler e desenvolver o gosto pelas práticas leitoras e escritoras a partir de alternativas diferenciadas de compreensão da realidade que nos cerca. Para tanto, conjugamos as diferentes linguagens calcadas nas produções escritas e imagéticas obtidas junto aos estudantes do CAP-Uerj a respeito de temas significativos para discentes, docentes, técnico-administrativos e responsáveis.

Andrea da Paixão Fernandes**, Lincoln Tavares Silva***

Resumo

As linguagens oral e escrita são meios privilegiados que usamos para nos comunicarmos. Constituem, ainda, uma diferenciação importante entre os seres humanos e os outros seres vivos, haja vista que só os primeiros se comunicam através delas. Apesar das grandes diferenças socioculturais em sua utilização, os indivíduos se apropriam delas para interagir com o mundo e seus semelhantes. No entanto, para que a prática da leitura faça sentido, vamos lendo o mundo, como nos ensinou o mestre Paulo Freire. Para além das linguagens oral e escrita, a cultura imagética vem se destacando. Tal cultura possibilita que as sociedades desenvolvam a "alfabetização do olhar" com vistas a ampliar os caminhos referentes às aprendizagens e às leituras do mundo. Este trabalho retrata um pouco da experiência do aprender a ler e escrever com sentido para si e para o coletivo e permite uma reflexão sobre a construção e a apropriação do ensinar e aprender a partir de saberes escolares (e não escolares) que se constituem nas/pelas experiências vividas por turmas da educação básica do CAP-Uerj. Tais saberes constituídos se originam do despertamento do prazer de ler e escrever e do trabalho com diferentes gêneros textuais e estratégias de leitura e escrita que vão além... provocam o desenvolvimento de perspectivas sustentáveis nas ações discentes, docentes e de técnico-administrativos do CAP-Uerj e responsáveis, a partir de outras leituras, sobre questões ambientais, produzidas coletivamente.

Palavras-chave: Educação Ambiental; letramento; práticas leitoras; sustentabilidade.

* Texto indicado para publicação pela Comissão Científica da VIII Semana UERJ de Meio Ambiente/2007

** Mestre em Educação (UFF) - Professora Assistente do Departamento de Ensino Fundamental do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira - CAP/Uerj e Professora da Rede Municipal de Educação do Rio de Janeiro. fernandes.ap@iglobo.com

*** Mestre em Educação (UCP) - Professor Assistente do Departamento de Ciências Humanas e Filosofia do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira - CAP/Uerj.

Entendemos que aprender a ler e a escrever com compreensão e sentido para quem o faz requer que uma imensa rede seja tecida. Essa tessitura se constrói a partir dos contatos diários, das histórias contadas, das informações trocadas e enriquecidas e dos registros guardados e compartilhados, tanto pelo saber que já adquirimos, como pelo saber do outro.

A prática e o prazer da leitura permitem que nos tornemos leitores e ampliemos as possibilidades de interação no mundo. No entanto, para que essa prática faça sentido, vamos lendo o mundo, como nos ensinou o mestre Paulo Freire. Aprendendo a ler, lendo. Compreendendo e se apropriando do que é lido.

De acordo com a concepção freireana, o sujeito alfabetizado precisa compreender o que lê. Soares (2003) também apresenta esse sentido ao estado de ser alfabetizado, ou seja, consideram-se alfabetizados os sujeitos que lêem, compreendem o que lêem e usam socialmente as potencialidades da leitura e, conseqüentemente, da escrita. Dessa forma, a compreensão do “estar alfabetizado” deve considerar – antes da aprendizagem da língua materna – o caráter político da alfabetização, pois, assim, teremos melhores condições de nos apropriarmos do sentido e do conceito de/ sobre o que lemos.

Na sociedade do século XXI, por sua vez, há a necessidade de interagirmos, cada vez mais, com as diferentes linguagens que perpassam as diferentes situações cotidianas. Dessa forma, uma leitura contextualizada do mundo, com tudo o que nos cerca, se faz imprescindível. Todavia, antes é preciso que os sujeitos potencialmente leitores estejam alfabetizados. Desse modo, também compreendemos ser fundamental a perspectiva da educação pelo olhar, fazendo a interface entre as imagens e suas leituras e as linguagens que representam o mundo, compreendendo que a educação¹ pode tanto reforçar formas habituais e massificadas de entendimento da realidade, quanto encontrar outros jeitos de significá-la e de buscar outros pontos de vista e caminhos.

Concordamos com Machado (2001, p. 22) quando afirma que: “a escrita não pode se opor às imagens porque nasceu dentro das próprias artes visuais, como desenvolvimento intelectual

da iconografia”. Se for verdade que a imagem está na origem de toda escritura e, nesse sentido, a escrita verbal é tão somente uma forma altamente especializada de iconografia, também é verdadeiro considerar que a imagem nunca deixou de ser uma certa modalidade de escritura, isto é, um discurso construído a partir de um processo de codificação de conceitos plásticos ou gráficos. Compreendemos que são nas interfaces das linguagens visuais, orais e escritas que residem a riqueza e a complexidade dos processos comunicativos.

Outra questão que está posta para este século é o desenvolvimento de saberes escolares que possam ser oriundos de experiências diferenciadas de vida dos sujeitos estudantes ou das teorias que fundamentam diversos saberes e que apontam para uma necessidade latente nas diferentes sociedades mundiais calcada em proposições que se voltem para a preservação e sobrevivência das diferentes espécies no planeta Terra e dos seus respectivos ecossistemas.

Diante disso, ousamos desafiar os estudantes da educação básica do CAP-Uerj a transformar em textos escritos, de diferentes estilos literários, suas percepções, compreensões e saberes acerca de uma temática tão debatida na atualidade e que vem causando tanta preocupação à humanidade: o Meio Ambiente. Também nos preocupamos em trabalhar com os estudantes e outros atores escolares a questão das imagens sobre as condições socioambientais internas e externas ao espaço/tempo escolar, visando a proposição de alternativas sustentáveis de convívio e a produção de uma cultura da sustentabilidade.

Esse trabalho retrata a experiência do aprender a ler e escrever com sentido para si e para o coletivo. Retrata, também, como o prazer de ler e de escrever pode se ampliar em experiências vividas por esses estudantes, potencializando a formação de conceitos, de valores e de leituras outras acerca da imprescindível e necessária tomada de consciência sobre a importância da realização de ações ambientais sustentáveis. Busca ainda, por sua vez, captar os reflexos dos conceitos e valores que permitam, através da construção da aprendizagem significativa, a realização de ações concretas que intervenham na realidade vivida.

Leituras, Escritas, Leitores e Saberes em Construção

Para abordar os processos de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita em espaços/tempos escolares é preciso considerar que a escola é, apenas, um dos espaços de formação do leitor e do escritor. Para grande parcela da nossa sociedade, muitas vezes, o único desses espaços.

Contudo, a leitura e produção da escrita só são efetivamente tecidas e apropriadas pela humanidade, a partir do momento em que há o encontro dialógico do sujeito com o texto lido e, também, com o sentido do que possa ser escrito.

Considerando o encontro com o prazer necessário para que essas produções sejam possíveis, Marina Colasanti conta, em um de seus textos, uma experiência que demonstra como é importante a leitura contextualizada.

Minha filha – ocupemo-nos aqui da que não nasceu leitora – foi criada em Ipanema. Numa cidade que parecia um eterno playground. Na era da televisão. Cheia de amigos, praias, programas. Em um colégio animado, inteligente, com fonte de prazer, mas como algo que tomaria o tempo de um prazer mais imediato, ou pelo menos mais evidente.

(...)

... podemos até especular se o fato de ser na minha família a única que não lia não era usado por ela como uma forma distintiva.

É evidente, porém, que o pouco que havia lido na infância não havia conseguido lhe transmitir a sensação de que os livros contêm coisas importantes e prazerosas.

Até hoje tento entender por quê.

(...)

O fato inegável é que, apesar disso tudo, nenhum livro aderiu nela. Até Christiane F. (Colasanti, 2004, p. 30-31).

A história que Marina Colasanti conta nos leva a refletir sobre a necessidade de que leitura e leitor se identifiquem para que o gosto de ler, efetivamente, possa se aflorar. E por que afirmamos isso? Por que ler não tem sentido e não nos causa prazer se não tocar a nossa emoção de alguma maneira; se não tiver significado para quem lê. Essa emoção e a busca do prazer são fundamentais para que, tanto crianças, como adolescentes, jovens e adultos queiram se tor-

nar leitores, como também, queiram aprender a ler e a escrever.

O trabalho de construção da leitura e da escrita não é tecido individual ou isoladamente. Da formulação de suas hipóteses até a apropriação do sentido dessa leitura pelo leitor e sua compreensão, essa tessitura pressupõe a pesquisa investigativa do que é significativo para o grupo, ou seja, do que, efetivamente, pode se constituir como aprendizagem. Pressupõe, ainda, a reflexão sobre o que se lê e sobre o que se pretende escrever, constituindo-se como etapas (ou caminhos possíveis) para a produção textual do grupo.

Afirmamos que esse processo investigativo desenvolvido no CAP-Uerj desde o primeiro ano de escolaridade contribui significativamente para a construção de sentido nos processos de apropriação de leitura e de escrita. Tal construção se edifica a partir das interações entre estudantes e professores, que se apresentam, ambos, como pesquisadores, desde o primeiro ano de escolaridade do Ensino Fundamental até o Ensino Médio.

Outro desenho da construção da leitura com sentido para o estudante, individualmente e, também, para o coletivo, se manifesta a partir de diferentes situações que visam estimular essa formação, tais como: as rodas de notícias, as rodas literárias, da ciência, dentre outras atividades. Nas rodas é possível pesquisar e debater temas atuais, de cunho científico ou não e, muitas vezes, tecer redes que se articulam com os conteúdos programáticos. Lê-se sobre temas do cotidiano local, mas também de contextos mais amplos: regionais, nacionais e mundiais; lê-se diferentes estilos literários; lê-se muito mais: encarte de supermercado, folhetos, receitas, imagens, enfim... A partir do gosto pela leitura que assim vai sendo tecido e do (re)encontro com o prazer de ler, tornamos possível não só o despertamento do prazer de ser e tornar escritor, como também a tessitura e a ampliação de diferentes saberes.

E por que articulamos tanto a perspectiva das leituras, das escritas e da formação de leitores e escritores críticos, com a consolidação de saberes escolares? Que representações os estudantes têm acerca dos saberes apropriados a partir do contato com estratégias diferenciadas de leitura e escrita?

As representações são caracterizadas por sentidos atribuídos aos fenômenos e processos sociais. Esses sentidos são polissêmicos e não possuem uma clareza absoluta e determinada, garantindo uma variedade de pensamentos, ações e condutas baseados em valores diferenciados. Com isto, criam-se redes emaranhadas de significações sobre tais processos e objetos que ora enlaçam as ações, produzindo solidariedades orgânicas, ora resultam em contextos contraditórios que dificultam o entendimento dos mesmos processos, gerando conflitos e frustrações. Ambos, solidariedade e contradição, são sínteses provisórias na criação e atribuição dos sentidos. Tais sentidos são conjugados às informações recebidas ao longo da vida, as quais, por sua vez, vão sendo deslocadas para que os novos conhecimentos apropriados possam ser articulados aos conhecimentos já existentes, naturalizando sua incorporação. Ao mesmo tempo, outros sentidos, permanentemente, dão a ligadura a este emaranhado de informações, conhecimentos, necessidades e demandas fundamentadas nos valores que são vivenciados e compartilhados pelos diferentes sujeitos. As posturas dos sujeitos a respeito das informações, conhecimentos e demandas não são feitas fora deste contexto, que busca torná-los familiares e inseri-los nas discussões circulantes em seus cotidianos. Da mesma forma, não se fazem desvinculadas dos valores que são produzidos e reproduzidos, socialmente, por tais sujeitos, nos diferentes cotidianos.

Desafiamos os estudantes do CAP-Uerj a participar, a partir de 2004, de um projeto desenvolvido pelo jornal Folha Dirigida, em parceria com a Fundação Biblioteca Nacional. Trata-se do "Projeto Redação"² que, desde 2004, vem garantindo aos nossos estudantes a realização de um sonho que muitos de nós cultivamos na nossa infância ou adolescência: o sonho de escrever um livro!

O tema para as produções que compuseram a edição de 2004 foi "Meio Ambiente". Esta preocupação com a temática ambiental, no entanto, se manteve nos anos subsequentes (2005 e 2006). Como consequência, acreditamos que um dos desafios possíveis ao se refletir sobre a questão ambiental é potencializar o entendimento sobre quem somos nós, seres humanos, sujeitos potencialmente transformadores de nossas ações e que tentamos, a todo tempo, intervir na forma como o

mundo se apresenta, considerando as riquezas naturais. Para que pudessem escrever sobre o tema, considerando toda sua amplitude e importância, foi fundamental a realização de uma investigação, pelos sujeitos envolvidos nas diferentes séries, com vistas a (re)conhecer os problemas que vimos enfrentando e, por sua vez, apontar caminhos.

Relendo alguns textos, podemos identificar como o processo de ensino-aprendizagem dos diferentes sujeitos foi se construindo e, a partir daí, como os saberes científicos foram se constituindo.

Quando pensamos em meio ambiente, preservação é a primeira palavra relativa à natureza da qual nos lembramos. Mas nem todos agem de maneira coerente e o resultado é a destruição da sua fonte de vida.³

Ainda nesse mesmo texto, a autora faz uma importante reflexão sobre os dois lados da reciclagem...

Muitos países adotaram formas de preservação do meio ambiente e a mais conhecida delas é a reciclagem, um processo de reutilização de materiais como papel, alumínio, plástico, aço, etc.

Mas a reciclagem também possui um lado ruim, porque nesse processo são utilizados produtos tóxicos que, geralmente, não possuem lugar adequado para ficar depois da utilização, e isso pode resultar na poluição das águas, tornando impróprio seu uso e destruindo o ecossistema marinho.⁴

Na edição de 2005, os estudantes pesquisadores e autores afirmam que:

Estamos assustados com tudo o que vem acontecendo no meio ambiente.

Descobrimos, lendo e conversando, que alguns animais estão ameaçados de extinção, que o desmatamento das florestas está aumentando, que as águas estão ficando cada vez mais poluídas e que o lixo em grande quantidade prejudica a saúde dos seres vivos e a vida no planeta Terra.

Ao caminhar, vi um rio todo poluído, cheio de latas de coca-cola. Logo pensei que quem faz isso é mal educado, pois já sabem que estão poluindo o rio, mas continuam fazendo.

(...)

Tudo isso pode melhorar com a nossa ajuda. Se todos colaborarem vai ser possível viver melhor.⁵ Texto de autoria coletiva produzido pela turma 02, intitulado:

Estamos assustados

Narrando um pouco da experiência desse trabalho em uma turma de alfabetização, foi possível perceber que as investigações, reflexões e discussões realizadas em sala de aula tinham continuidade no espaço/tempo da casa daquelas crianças. Certo dia, ao conversarmos sobre a necessidade de preservação da água, um estudante de 6 anos comentou que, na sua casa, seu pai tem o hábito de ligar o chuveiro e ir fazer outras coisas enquanto a água (aquecida à gás) esquentava. Continuando, ele afirmou que, agora que já aprendeu o quanto é necessário preservar a água para sobrevivermos, vai até o banheiro e desliga o chuveiro. A criança completou esse diálogo dizendo que não se pode desperdiçar água.

Conhecimentos como esses, que são tecidos a partir das rodas realizadas em sala de aula e que têm por objetivo principal o estímulo à formação de leitores, são imprescindíveis, não apenas para o saber escolar que vai sendo apropriado, mas também o transcendem, permitindo-nos afirmar que tais saberes escolares não se restringem aos muros da escola ou da sala de aula. Articulam-se a outros saberes que, por sua vez, permitem a ação e a interação nas variadas situações de vida, considerando as experiências e conhecimentos de cada sujeito e, também, a perspectiva de leitura de mundo a qual fizemos referência anteriormente.

Esses estudantes aprenderam que o cuidado que a humanidade precisa ter com a água é muito maior que, somente, fechar o chuveiro que se encontra aberto desnecessariamente. Aprenderam que a água é essencial para a continuidade da vida no planeta Terra. Aprenderam, cantaram e produziram outros textos a partir de músicas, poesias, textos jornalísticos e de literatura infanto-juvenil, aulas-passeio, etc. Na história que compõe o livro a que fazemos referência, eles ensinam e aprendem como cuidar mais da água, como se pode observar:

O rio estava sujinho porque as pessoas jogavam muito lixo na água. Elas jogavam latas, papéis, garrafas, cocos, pneus, sacos de biscoito, vidros, plásticos. Além disso, o esgoto sem ser tratado ia para esse rio e ficava um cheiro ruim. Por isso, o rio foi ficando cada vez mais sujo e a vida por lá foi acabando.

(...)

Se a gente não cuidar da água, os nossos filhos não vão poder nascer e viver.

Todos nós sabemos que a água é fonte de vida!⁶

Com isso, tecem outros fios estabelecendo, desde os primeiros anos de escolaridade, uma compreensão ecossistêmica e, também, uma visão crítica do que é preciso fazer para, efetivamente, contribuir com a melhoria das condições de vida no Planeta.

A partir do contato com a leitura das histórias que compõem o livro, percebemos que cuidar do meio ambiente é uma necessidade presente em cada um dos textos dos nossos escritores e que se complementam pelas produções das/nas diferentes séries. Assim vão sendo evidenciadas, também, as contradições sociais e culturais:

Precisamos tomar algumas medidas: ao escrever numa folha de papel, aproveite os dois lados, pois as folhas saem da árvore e estragando uma folha, estamos estragando uma árvore.⁷

Os estudantes de uma turma de 3ª série, por sua vez, dizem: “O homem constrói e destrói ao mesmo tempo. Como pode isso? É fácil, ele desmata para construir coisas modernas”.⁸

Retrata-se, neste texto, uma visão paradoxal que evidencia as contradições sociais e culturais existentes no “mundo” consumista não sustentável. Sob esse ponto de vista, há que se ter cuidado nas discussões socioambientais para não se produzir o ser humano que, por detrás do “dever” de ser “ecologicamente correto”, provoca uma ação consumidora exacerbada. Nessas discussões, a constituição de uma ética ambiental deve se constituir como uma utopia⁹ e, também, como uma questão cultural, ao examinar as condutas destrutivas das sociedades industriais e pós-industriais e, em contrapartida, possibilitar que os sujeitos societários repensem os usos e costumes da sociedade moderna, bem como seus impactos nas condições ecossistêmicas, abrindo espaço para concepções voltadas para a preservação ambiental (Silva, 2003a).

Os usos e costumes, bem como seus impactos na sociedade atual estão apresentados nas variadas produções que mostram a riqueza do trabalho com diferentes gêneros textuais e a produção de saberes.

Mas não podemos esquecer que apenas 3% da água do mundo é doce e menos de 3% da água da Terra é potável.

(...)

As pessoas desperdiçam muita água e acabam prejudicando o meio ambiente. Você sabia que uma pessoa viveria bem com quarenta litros de água por dia? Mas pesquisas mostram que as pessoas gastam em média duzentos litros de água diariamente e desse jeito ela vai acabar, pois a água não é infinita.¹⁰

Permite, ainda, reconhecermos que:

o homem realiza ações a fim de suprir as condições necessárias à manutenção da espécie. Ele necessita aprender a natureza a fim de apreendê-la. Deste modo, a relação entre o homem e o seu entorno é um processo sempre renovado que tanto modifica o homem quanto a natureza. É, a todo tempo, uma múltipla modificação entre ambos e por ambos (Silva, 2003a, p. 88).

Somando-se a essas ações, ao longo dos momentos de nossos encontros e da investigação sobre os mesmos, vimos compartilhando com os grupos de sujeitos as informações técnicas, visuais, textuais e contextuais que, segundo Vilches (1997) e Costa (2005), ampliam os entendimentos e as competências para a leitura de imagens. Utilizamos não só o olhar, mas toda a sensibilidade dos sujeitos em produzir informações, comparar, fazer analogias, transformar, desconstruir, projetar e desenvolver memórias visuais. Trabalhamos com o potencial dos sujeitos como produtores das suas próprias imagens, inclusive desconstruindo as imagens existentes sobre seus espaços/tempos, tecendo para os mesmos, através das imagens reconfiguradas, novas possibilidades de configuração socioambiental. Por termos esta compreensão, tratamos os envolvidos nos processos sociais e educativos como sujeitos complexos, reunindo objetividade e subjetividade.

Como lidamos com o despertar de concepções baseadas na sustentabilidade, incorporamos, baseados em Silva (2003b), que a questão ambiental coloca a necessidade de releitura do espaço vivido sendo imprescindível considerar e compreender a complexidade da apropriação da produção, do consumo, da distribuição, a complexidade ecossistêmica e as relações que se estabelecem, ao longo do tempo e no espaço, das organizações societárias com a natureza.

Esta abordagem se aproxima do entendimento do cotidiano dos envolvidos, no qual estão incluídas as práticas e táticas da vida cotidiana. As mesmas permitem ampliar a compreensão das práticas não apenas como iguais ou diferentes, mas como ações e maneiras de fazer e estar no mundo, que são tecidas à revelia das normas instituídas, instalando dinâmicas e mecanismos sócio-político-culturais de ordem-desordem-reorganização-desorganização.

Trilhando rumos já percorridos por Reigota (2001), este trabalho segue a compreensão de que:

é por intermédio das interações intersubjetivas e comunicativas entre pessoas com diferentes concepções de mundo e relações cotidianas com o meio natural e construído; características da vida social e afetiva; acesso a diferentes produtos culturais; formas de manifestar as suas idéias; conhecimento e cultura; dimensões de tempo e expectativas de vida; níveis de consumo e de participação política que poderemos estabelecer diretrizes mínimas para a solução dos problemas ambientais que preocupam todos nós (Reigota, 2001, p. 28).

Deste modo, a associação das representações visuais às práticas de leituras e escritas ora apresentadas pretendem, não somente ilustrar e diagnosticar as ações socioambientais dos sujeitos envolvidos, mas principalmente permitir que os mesmos avaliem suas ações e mobilizem-se como articuladores e praticantes de compreensões de mundo e expressões de idéias. Tal esforço necessitará sempre da aproximação do objetivo heurístico de não separar ou fragmentar os processos socioambientais e os sujeitos neles envolvidos, evitando, através das análises, desmanchar a convivência dos textos, linguagens e técnicas interpretativas híbridas.

Saberes socioambientais, Práticas e Sustentabilidades

Buscando-se um entendimento mais sistêmico das relações societárias, destacamos o entendimento do conceito de sustentabilidade, visto na atualidade como um ponto central na discussão socioambiental. Por ele, se interpretam propriedades e atributos dos diferentes sistemas ambientais que compreendem a capacidade de funcionamento, de produção e de renovabilidade de

suas características críticas. Como apontara Rodríguez (1997), desenvolver a sustentabilidade é um requisito imprescindível em todo processo de desenvolvimento que incorpore a dimensão ambiental com qualidade, como parâmetro de partida. Para Alva (1997, p. 60-61):

a sustentabilidade pode ser entendida como um conceito ecológico – isto é, como a capacidade que tem um ecossistema de atender às necessidades das populações que nele vivem – ou como um conceito político que limita o crescimento em função da dotação de recursos naturais, da tecnologia aplicada no uso desses recursos e do nível efetivo de bem-estar da coletividade.

Concordamos plenamente com Morin & Kern (1996), para quem as questões são interdependentes no tempo e no espaço, sendo preciso mobilizar o todo. Supera-se a abordagem reducionista que consiste em remeter-se a uma única série de fatores para resolver a totalidade dos problemas que atravessamos. Isto é menos a solução que o próprio problema. Para estes autores, a fórmula complexa da antropolítica não se limita ao “pensar global, agir local”. Ela se exprime pelo “acasalamento pensar global/agir local, pensar local/agir global”, na verdade, entendida por alguns autores como “as sustentabilidades”, a saber:

a **sustentabilidade ecológica**, incorporando a exploração dos recursos naturais, os custos ambientais, os subsídios necessários para a urbanização e o planejamento ambiental; a **sustentabilidade social**, abarcando questões como a pobreza, as desigualdades étnicas, os direitos políticos, a desigualdade regional e os acessos ao emprego, saúde e a educação; a **sustentabilidade política**, levando em conta a cidadania, problemas culturais, econômicos, sociais e políticos, incluindo os relacionados à instituição política e constitucional das nações; e a **sustentabilidade individual**, contemplando valores, crenças, ética e desejos ancorados na arqueologia virtual, interna ‘que possibilite a reflexão individual no desenho coletivo’ (Santos & Sato, 2001, p.39).

Nos textos produzidos para os livros percebemos a presença marcada de algumas dessas “sustentabilidades”.

Numa turma de alfabetização, a **sustentabilidade ecológica** se faz presente quando os autores afirmam: “Temos que saber a hora de pescar os peixes para os filhotes não morrerem nem

as mães deles” (2005, p. 23)¹¹. A mesma situação, acrescentada da percepção da **sustentabilidade política**, é explicitada na seguinte afirmação:

O homem está poluindo você, jogando lixo nos rios e nos mares, desmatando florestas, caçando animais sem necessidade e desperdiçando a água que é tão importante para todos os seres vivos (2005, p. 25).¹²

A **sustentabilidade individual** – e também a **social** e a **ecológica** –, por sua vez, apresenta-se na produção da turma 21, da 2ª série¹³:

A poluição provocada pelas pessoas e a sujeira dos esgotos podem causar muitas doenças e contaminações nas águas do Brasil. Além de prejudicar a natureza, isso pode matar pessoas inocentes e animais como a raia, os peixes, os tubarões, os golfinhos, os botos, as baleias, os pássaros e os outros animais da Terra.

Precisamos tomar algumas medidas: ao escrever numa folha de papel, aproveite os dois lados, pois as folhas saem da árvore e estragando uma folha, estamos estragando uma árvore; recicle plásticos, garrafas e papel, assim você estará preservando a natureza; o balão é a principal causa de incêndios florestais. As quedas dos balões causam incêndios enormes em montanhas, morros, serras e até em casas. Balões só em festas juninas e em lugar seguro; quando estiver tomando banho, não fique muito tempo no chuveiro, pois a água é um bem da natureza que pode acabar um dia; ao escutar música muito alta, você pode estar poluindo também, pois música alta, além de poluir nossos ouvidos, polui também o meio ambiente; se você tem cachorro, leve sempre um saquinho para limpar o coco, quando levá-lo para passear na rua.¹⁴

Captar o impacto da elaboração da noção de sustentabilidade e dessas práticas, leva-nos a acreditar o quanto vem sendo importante o investimento em ações que levaram (e levam) nossos estudantes a aprender e ensinar nos debates enriquecedores realizados no espaço/tempo da sala de aula e, ainda, nos textos produzidos. Da mesma forma, as imagens produzidas e interpretadas pelos estudantes sobre seus espaços/tempos escolares e sobre os demais espaços/tempos por eles vivenciados não são tomadas isoladamente. Permitem, em seu conjunto, a proposição de alternativas concretas voltadas à superação ou à diluição de problemas por eles captados e representados. Tais propostas de ações são voltadas ao

coletivo escolar, mas não são pensadas no intuito exclusivo de impactar somente sobre este espaço/tempo. Voltam-se a outras escalas sociais, territoriais e temporais, incorporando de fato os princípios da idéia de sustentabilidade.

Estas situações vividas cotidianamente constituem um dos vieses necessários para que continuemos com o processo “sustentado” de pensar no coletivo as práticas socioambientais necessárias para a construção de uma sociedade mais humana e de uma relação planetária mais ética. Nesse sentido, todas as mudanças que se fazem necessárias só podem se dar no mundo do qual tomamos parte, não apenas como uma criação do espírito, pois ele, o mundo, existe concretamente (Santos, 2001). É dele que devemos partir para construir outra coisa, ou seja, outro mundo. Um mundo melhor.

Como exemplo da continuidade desse processo sustentado ressaltamos a participação dos estudantes, em cooperação com os servidores da Instituição, em projeto de coleta seletiva de resíduos sólidos, estabelecendo levantamentos sobre as condições do espaço/tempo escolar, dos consumos mais frequentes, das contradições de seus usos e destinações e das possibilidades de se melhorar a qualidade de vida no ambiente escolar. Estas ações embasaram a participação dos estudantes inclusive na escolha dos lugares nos quais seriam posicionados os recipientes de coleta e como passo seguinte, na confecção de material voltado ao entendimento do uso da coleta seletiva e da sua destinação socioambiental¹⁵. Além disso, vêm participando da elaboração de informativo voltado à difusão de práticas socioambientais corretas dentro do ambiente escolar. A preocupação é que o maior número possível de sujeitos possam ser acionados e informados no ambiente escolar e que uma mudança em suas condutas possam vir a ocorrer. Esse princípio solidário de ação e preocupação não se realiza sem avanços e retrocessos, mas demarca uma incorporação gradual de valores e práticas socioambientais que visam manter o convívio saudável no ambiente escolar e, até mesmo, fora dele. Aos estudantes da Educação Básica somaram-se também outros de Graduação (bolsistas) que com isso têm a oportunidade de viver e colaborar com o desenvolvimento das práticas e discussões que caracterizamos como sustentáveis.

E enquanto essa chama vai se mantendo acesa, novos fios e novas redes vão sendo (re)tecidos, muitos outros saberes poderão se constituir como significativos e relações socioambientais mais éticas poderão ser aprendidas e ensinadas, por meio do investimento em ações de pesquisa e de debates sempre enriquecedores.

Para nós importa que a materialização dos processos educativos não seja entendida como algo que se esgota em si mesmo de forma utilitarista, mas principalmente seja estabelecida como busca de caminhos que, enquanto tais, permitam aos seus caminhantes compartilhar experiências coletivas de enfrentamentos das adversidades, absorvendo e produzindo fontes variadas de linguagens e expressões que possibilitem a inclusão de todos e todas nos processos vividos.

Notos

¹ Com base em Madeira e Alloufa (1996, p. 15) entendemos que a “[...] educação é um processo de construção pessoal e social das representações dos indivíduos e grupos. Ela é a relação interpessoal e grupal do ensinar e aprender, na interação de um processo histórico, contextualizado em um espaço e um tempo. Isto abre outra via para a consideração da cultura, em sua relatividade e em sua universalidade [...]”. Ainda segundo Madeira (2001, p. 125), neste processo “[...] a cultura e o conhecimento são continuamente, transmitidos e (re)construídos, envolvendo a totalidade do sujeito em suas relações com o(s) outro(s) [...]”.

² Esse projeto tem como objetivo incentivar a produção escrita de estudantes dos Ensinos Fundamental e Médio das escolas públicas e privadas do Rio de Janeiro. Cada escola participante tem publicado um livro com cinquenta redações dos estudantes e três dessas são selecionadas para compor outro livro, que reúne redações que representam todas as escolas participantes.

³ CARDOSO, Luiza Fernandes. *O homem e a natureza: uma nova forma de agir*. In: INSTITUTO DE APLICAÇÃO FERNANDO RODRIGUES DA SILVEIRA. *Meio Ambiente*. Projeto Redação 2004. Rio de Janeiro: Folha Dirigida, 2004. p. 69.

⁴ Idem.

⁵ Texto de autoria coletiva produzido pela turma 02, intitulado: *Estamos assustados*. In: INSTITUTO DE APLICAÇÃO FERNANDO RODRIGUES DA SILVEIRA. *Meio Ambiente*. Projeto Redação 2005. Rio de Janeiro: Folha Dirigida, 2005. p. 21.

⁶ Texto de autoria coletiva produzido pela turma 01, intitulado: *Aprendendo a cuidar mais da água*. In: INSTITUTO DE APLICAÇÃO FERNANDO RODRIGUES DA SILVEIRA. *Meio Ambiente*. Projeto Redação 2004. Rio de Janeiro: Folha Dirigida, 2004. p. 19.

⁷ Texto de autoria coletiva da turma 21 da 2ª série, intitulado *Cuidando do meio ambiente*. In: INSTITUTO DE APLICAÇÃO FERNANDO RODRIGUES DA SILVEIRA. *Meio Ambiente*. Projeto Redação 2004. Rio de Janeiro: Folha Dirigida, 2004. p. 31-32.

⁸ Texto de autoria coletiva da turma 32 da 3ª série, intitulado *Terra nossa*. In: INSTITUTO DE APLICAÇÃO FERNANDO RODRIGUES DA SILVEIRA. *Meio Ambiente*. Projeto Redação 2004. Rio de Janeiro: Folha Dirigida, 2004. p. 39-40.

⁹ Segundo Schmidt (1983, p. 22) “a realidade é, além disso, tudo aquilo em que ainda não nos tornamos, ou seja, tudo aquilo que a nós mesmos nos projetamos como seres humanos, por intermédio dos mitos, das escolhas, das decisões e das lutas”. Já Canclini (1996, p. 263-264) afirma que a utopia faz parte da vida social enquanto “dispusermos de uma certa emancipação, ou ao menos tivermos vontade de que a emancipação e a renovação do real continuem fazendo parte da vida social”. Outro que nos fornece uma reflexão acerca da utopia é Santos (2001, p. 332) ao afirmar que “por utopia entendo a exploração, através da imaginação, de novas possibilidades humanas e novas formas de vontade, e a oposição da imaginação à necessidade do que existe, só por que existe, em nome de algo radicalmente melhor por que vale a pena lutar e a que a humanidade tem direito. A minha versão de utopia é, portanto, duplamente relativa. Por um lado, chama a atenção para o que não existe enquanto (contra)parte integrante, mesmo que silenciada, daquilo que existe, ou seja, para aquilo que pertence a uma determinada época pelo modo como está excluído dela. Por outro lado, a utopia é sempre desigualmente utópica, dado que a sua forma de imaginar o novo é parcialmente construída por novas combinações e escalas daquilo que existe, e que são, na verdade, quase sempre meros pormenores, pequenos e obscuros, do que realmente existe. A utopia requer, portanto, um conhecimento da realidade profundo e abrangente como meio de evitar que o radicalismo da imaginação colida com o seu realismo”.

¹⁰ Texto coletivo de autoria da turma 33, da 3ª série, intitulado *A água pede ajuda*. In: INSTITUTO DE APLICAÇÃO FERNANDO RODRIGUES DA SILVEIRA. *Meio Ambiente*. Projeto Redação 2004. Rio de Janeiro: Folha Dirigida, 2004. p. 41-42.

¹¹ Texto de autoria coletiva produzido pela turma 03 da Classe de Alfabetização, intitulado: *Liberdade da natureza*. In: INSTITUTO DE APLICAÇÃO FERNANDO RODRIGUES DA SILVEIRA. *Meio Ambiente*. Projeto Redação 2004. Rio de Janeiro: Folha Dirigida, 2004. p. 23-24.

¹² Texto de autoria coletiva produzido pela turma 11 da 1ª série, intitulado: *Carta ao planeta Terra*. In: INSTITUTO DE APLICAÇÃO FERNANDO RODRIGUES DA SILVEIRA. *Meio Ambiente*. Projeto Redação 2004. Rio de Janeiro: Folha Dirigida, 2004. p. 23-24.

¹³ Nessa ocasião utilizávamos a nomenclatura série para designar os anos de escolaridade do Ensino Fundamental.

¹⁴ Texto de autoria coletiva produzido pela turma 21 da 2ª série, intitulado: *Cuidando do meio ambiente*. In: INSTITUTO DE APLICAÇÃO FERNANDO RODRIGUES DA SILVEIRA. *Meio Ambiente*. Projeto Redação 2004. Rio de Janeiro: Folha Dirigida, 2004. p. 31-32.

¹⁵ A partir da identificação dos estudantes sobre possibilidades de melhoria nas condições do ambiente escolar e de levantamentos sobre alternativas de atendimento por órgãos governamentais voltados para a questão ambiental, procuramos a Superintendência de Rios e Lagoas (SERLA/RJ) que disponibilizou vários conjuntos de recipientes de coleta seletiva de resíduos, os quais no início de 2007 foram distribuídos pelo espaço escolar com a participação efetiva dos estudantes neste processo.

Referências Bibliográficas:

- ALVA, N. E. *Metrópoles (in)sustentáveis*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.
- CANCLINI, N. G. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1996.
- COLASANTI, Marina. *Fragatas para terras distantes*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- COSTA, C. *Educação, imagem e mídias*. São Paulo: Cortez, 2005.
- INSTITUTO DE APLICAÇÃO FERNANDO RODRIGUES DA SILVEIRA. *Meio Ambiente*. Projeto Redação 2004. Rio de Janeiro: Folha Dirigida, 2004.
- INSTITUTO DE APLICAÇÃO FERNANDO RODRIGUES DA SILVEIRA. *Meio Ambiente*. Projeto Redação 2005. Rio de Janeiro: Folha Dirigida, 2005.
- MACHADO, A. *O Quarto Iconoclasmo e outros ensaios hereges*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001.
- MADEIRA, M.C. Representações Sociais e Educação: importância teórico-metodológica de uma relação. In: MOREIRA, A. S. P. (Org.). *Representações Sociais: teoria e prática*. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB, 2001.
- _____. & ALLOUFA, J. Representações sociais e Educação: que relação é esta? In: II COLÓQUIO FRANCO-BRASILEIRO EDUCAÇÃO E LINGUAGEM, 1996, Natal. *Anais... Natal: Université de Caen/ EDUFRN (RN)*, 1996.
- MORIN, E. & KERN, B. A. *Terra patria*. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.
- REIGOTA, M. *Meio ambiente e representação social*. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- RODRÍGUEZ, J. M. M. *La geografía física ante la educación ambiental: desafíos y perspectivas*. In: VII Simpósio Brasileiro de Geofísica Aplicada. Curitiba, 1997. *Anais... Curitiba: UFPR*, v.2, 1997.
- SANTOS, B. S. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência. Para um novo senso comum. A ciência, o direito e a política na transição paradigmática*. São Paulo: Cortez, 3. ed., V. 1, 2001.
- SANTOS, J. E. & SATO, M. *Universidade e ambientalismo - encontros não são despedidas*. In: _____ (orgs.). *A contribuição da educação ambiental à esperança de Pandora*. São Carlos: Rima, 2001.

SANTOS, M. *Por uma outra globalização - do pensamento único à consciência universal*. São Paulo: Record, 2001.

SCHMIDT, A. *El concepto de naturaleza em Marx*. México: siglo veintiuno editores, 1983.

SILVA, L. T. *Os sentidos atribuídos pelos professores de Geografia à Educação Ambiental: olhares sobre a questão*. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Católica de Petrópolis, 2003a.

_____. *Produzindo o consumidor verde ou um ambiente cidadão?*. In: ZILLOTTO, D. M. (org.). *O consumidor: objeto da cultura*. Petrópolis: Vozes, 2003b.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

VILCHES, L. *La lectura de la imagen*. Barcelona: Paidós, 1997.

Abstract

The written and oral languages are privileged means we use to communicate. They build up an important differentiation among human beings and the other living beings, considering that only the first group communicates through languages. Besides written and oral languages, we incorporate imaging culture. Such a culture makes it possible for societies to develop the "eye literacy" focusing on widening the ways connected to their learning and interpretation of the world. We depict a bit of the reading and writing learning experience meaningfully to the self and to the group, letting a reflection about the teaching and learning assumption and construction based on school and non-school knowledges developed in CAP-Uerj primary and secondary educational classes.

Keywords: Environmental education; literacy; reading practices; sustainability